

# Brasil e Alemanha: papéis invertidos na Copa 2006

TEXTO: GABRIEL FORTES



© Geraldo Hoffmann

*De bola cheia, Alemanha conquistou o terceiro lugar*

**N**a Copa da falta de técnica e dos sistemas de jogo altamente defensivos, Brasil e Alemanha trocaram os papéis e foram de favoritos a decepções, e vice-versa, em pouco tempo.

Os pentacampeões mundiais chegaram levantando a bandeira de melhor time do evento, e davam a entender que passariam facilmente por cima de quem atravessasse o seu caminho. A Alemanha, por sua vez, começou desacreditada e viu crescer o otimismo de sua nação, que impulsionou o time até as semifinais.

Aos brasileiros restaram fracas atuações, muito aquém do que a equipe poderia mostrar, e reclamações aos montes por parte da decepcionada torcida. Aos alemães o resultado foi mais bondoso: um novo sistema de jogo, uma nova mentalidade e o amor de sua torcida, traduzido, principalmente, ao cantar o hino nacional.

Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho, Kaká, Adriano, Robinho e cia. deram espaço, nesta comparação, aos brilhos de Podolski, Klose, Lahm, Schweinsteiger e, claro, do técnico Jürgen Klinsmann.

Mesmo assim, as críticas ao baixo nível técnico da Copa foram inevitáveis. E vieram logo das maiores lendas do futebol mundial.

O ícone do futebol argentino Luiz Menotti falou em „Copa de risco zero”. O presidente do Comitê Organizador, Franz Beckenbauer, sentiu a ausência de jogos espetaculares e reclamou da falta de coragem dos artilheiros de „simplesmente chutar a gol”. E o ex-astro francês Michel Platini fez o seguinte balanço: „Em termos de futebol, a Copa do Mundo não apresentou um grande nível. Falta a surpresa, a descoberta”.

Robinho, dez dias depois de o Brasil ser eliminado frente ao show do francês Zinedine Zidane, disse que „perdemos sem lutar. O futebol é feito de vitórias e derrotas, mas antes de tudo precisamos brigar para vencer, e isso não aconteceu”.

## Resultado

„No final, não interessa se jogamos bonito. No final, interessa apenas o título.” As palavras são do técnico da França, Raymond Domenech, mas, com pequenas variações, foram ditas

também por Carlos Alberto Parreira, Luiz Felipe Scolari, Marcello Lippi e inúmeros jogadores.

Na análise de Scolari, um conhecido adepto do futebol de resultados, muitas seleções tentaram evitar derrotas reforçando suas defesas. „Isso nem sempre resulta num jogo bonito. Mas as equipes que estavam bem organizadas em campo também chegaram longe”, avaliou.

Isso se evidencia na forma como muitas equipes jogaram: com apenas um homem na frente. Na seleção da França, Henry. Em Portugal, Pauleta. A Itália, exceto na prorrogação em que derrotou a Alemanha por 2 a 0, tinha apenas Toni no ataque. Os ingleses variavam entre Rooney e Crouch.

A Alemanha foi uma das exceções, com Klose e Podolski formando a dupla de ataque. No Brasil, Ronaldo teve a companhia de Adriano, Robinho ou Ronaldinho. Mas a maioria dos técnicos preferiu mesmo seguir a fórmula que deu o título europeu à Grécia em 2004, quando Charisteas era o único atacante: „o ataque ganha jogos, a defesa ganha campeonatos”. ■

*Torcer para quem?*

